

ROMANCE RANCHO REBEL BLUE

SELVAGEM E DOMADA

LYLA SAGE

TRADUÇÃO · Maria Inês Ramos

Dedico este livro a mim mesma... à rapariga que tinha um sonho
e à mulher que o tornou realidade.

E claro, à minha mãe, que foi quem me ensinou
a sonhar para começar.

Nota da autora

Caros leitores e caras leitoras,

Não sou suficientemente boa escritora para conseguir descrever todos os sentimentos e emoções que me trespassam e rodopiam pela cabeça, coração e alma enquanto partilho convosco este último livro da série Rebel Blue. Como não tenho a certeza de estar pronta para admitir que este será provavelmente o último da série, vou, em vez disso, voltar ao início.

O Rancho Rebel Blue começou por ser um refúgio para mim... um lugar na minha cabeça para onde eu podia ir sempre que desejava viver dias de sol radiantes com um céu grande e azul. Quando decidi partilhar este lugar maravilhoso com os outros, nada me poderia ter preparado para o que estava prestes a acontecer: todos vocês.

Do fundo do meu coração, obrigada por terem embarcado nesta viagem comigo... por terem corrido ao meu lado, por me terem apoiado e por terem tornado os meus sonhos realidade. Os últimos dois anos foram os melhores da minha vida.

Por tudo isto, é igualmente doce e amargo, emocionante e assustador, partilhar convosco o último romance desta série. Desde que comecei a conceber a ideia para esta série, guardo bem perto do meu peito a história de amor de Cam e Dusty. Eles desafiaram-me e pressionaram-me. Fizeram-me chorar e fizeram-me rir. Escrevi este livro com o coração na garganta e a mão sobre o peito.

Sempre disse que o Rancho Rebel Blue é uma carta de amor para todas as pessoas e lugares que me construíram. Isso continua a ser verdade, mas *Selvagem e Domada* é mais do que isso. É uma carta de amor

para o próprio Rancho Rebel Blue... para a família que encontrei, para as histórias de amor que foram contadas e para a comunidade que apareceu em cada uma das suas partes.

Este livro, tal como o nascer do Sol na sua capa, é também uma homenagem a novos começos. É um lembrete sempre fresco de que, apesar de esta série estar a chegar ao fim, o horizonte continua vasto, belo e nosso.

E, quem sabe, talvez um dia nos voltemos a encontrar à porta do rancho. Porque nada dura para sempre, como sabem. Nem mesmo as despedidas.

Bem-vindos a casa.

Lyla

**SELVAGEM
E DOMADA**

Capítulo 1



CAM

Na minha opinião, não existe quase nada que consiga ser melhor do que uma boa *checklist*. Riscar e eliminar coisas da dita lista era provavelmente uma das melhores sensações do mundo. A minha atual *checklist* era supostamente fácil de concretizar – um pouco insensata, até – porque, pela primeira vez em sabe-se lá quanto tempo, só continha uma coisa: casar.

Tudo o resto já estava feito. Requisitei a licença de casamento, apareci na capela com o vestido que a minha mãe tinha escolhido para mim. Devia ter sido algo simples: desfilar pelo corredor, ouvir os votos genéricos que o celebrante tinha sido instruído para dizer, e beijar o meu noivo.

Mas então porque é que eu estava sentada na tasca mais rasca de todo o estado do Wyoming, vestida de noiva, a beber vodka puro?

Como em quase todos os grandes projetos, casar exigia mais do que uma pessoa. E os trabalhos de grupo nunca foram o meu forte. Não gostava de pôr o meu destino nas mãos dos outros, mas hoje acreditei mesmo que me ia correr bem. Seria possível infligir tão grande mal a algo tão simples?

Muito, na verdade. Porque basta uma das pessoas não aparecer, que vai tudo com o caraças.

Pois é, o meu noivo não apareceu, e foi tudo com o caraças.

Enquanto pegava no meu copo de vodka e dava um bom gole, pensei na nota que ele me deixou, que nobre da parte dele.

Camille,

Desculpa-me. Não o consegui fazer.

Graham

Ignorei os olhares dos outros clientes do Devil's Boot, que me queimavam a parte de trás do crânio, interrogando-se porque é que a pobrezinha da Camille estava sentada num bar vestida de noiva quando, na verdade, se devia estar a casar.

Senti o álcool a queimar-me a garganta toda. Bebi mais um gole. E outro mais. Não foste capaz de o fazer? Tudo isto tinha sido ideia *dele*. Foi ele que disse que ia correr tudo bem, que seríamos tão felizes quanto possível.

E depois não aparece.

Nem sequer me avisou, apenas me deixou o bilhete na mesa do toucador. Quando o estava a ler, o Amos Ryder bateu à porta. O Amos era o avô da minha filha, a Riley, mas era também o mais próximo que eu tinha de uma figura paterna amorosa e estável. Originalmente, tinha-lhe pedido para me levar ao altar hoje, mas o meu pai biológico não ficou lá muito satisfeito com isso e fez o habitual: ameaçou fazer uma cena, deserdar-me a mim e à minha filha, revogar a conta-poupança dela... esse tipo de coisas.

Por isso, cedi. Acabo sempre por ceder.

Todavia, quando realmente precisava de alguém, o meu pai andava sempre a léguas de distância. O Amos, no entanto, mostrava-se sempre presente quando era preciso. Desde o dia em que o Gus, seu filho, lhe disse que eu estava grávida, o Amos tratou-me como uma filha.

Passou a manhã do casamento comigo porque eu lhe pedi. Era uma boa pessoa para se ter por perto em situações de *stress* ou quando se estava com os nervos à flor da pele. O Amos era calmo, forte e firme... como um rio, o Gus costumava dizer. Sempre desejei que ele pudesse ter estado sentado ao meu lado quando fiz o exame da Ordem, sem dúvida de que teria passado logo à primeira.

– Entra – pedi, e assim que vi o seu cabelo preto e cinza e os suaves olhos verdes, as lágrimas começaram a brotar-me dos olhos.

Não era por o Graham não estar presente e não vir que eu estava triste, mas antes por ter dado tanto de mim por um casamento que agora já nem sequer ia acontecer. Estava triste com a perda total de tempo e de esforço.

– Cam? – disse ele enquanto fechava a porta atrás de si e corria para mim. – O que é que tens?

Os seus olhos fixaram-se na nota que eu tinha na mão e vi o seu sorriso desaparecer. Ele sabia.

Em vez de lhe responder, soltei um suspiro trémulo e abracei-o. Ele também me abraçou. A Riley, que tinha seguido o avô até ao quarto, também se juntou ao abraço, apesar de não saber o que se estava a passar. Aquela rapariga adorava um abraço.

– Vamos ver por onde anda o teu pai, meu raio de sol – disse-lhe ele.

Ela acenou com a cabeça, entusiasmada, e rodopiou no seu vestido de menina das flores. Estava toda entusiasmada por poder espalhar pétalas e desfilar pelo corredor antes de mim. O meu peito apertou-se. Como é que eu lhe ia contar o que tinha acontecido?

– Podem... podem pedir-lhe para ele vir até aqui? – perguntei baixinho.

Menos de um minuto depois, o Amos estava de volta com o Gus. Conte-lhe que o Graham não ia comparecer e que precisava que ele e a sua noiva, a Teddy, ficassem com a Riley o resto do dia. Como tinha tido um segundo para me recompor, a minha voz era agora profissional... insensível até... mas o olhar que o Gus me dirigia era tudo menos isso. As narinas dele dilataram-se, e eu quase que o conseguia ver a morder a língua... enquanto se esforçava para não deixar a raiva tomar conta dele.

– Preciso de sair daqui – disse, enquanto arrancava o véu do *chignon*¹ de baixo, posto apenas alguns minutos antes.

– Vai – disseram o Gus e o Amos ao mesmo tempo.

– Nós tratamos disto – prosseguiu o Gus. Confiava neles para o fazerem.

Saí da igreja a correr pela porta dos fundos, não como uma noiva em fuga a caminho da liberdade, mas como uma noiva abandonada a precisar desalmadamente de continuar em movimento para não se desmoronar.

Bem, foi deprimente como o carças.

¹ Penteados que implicam ter cabelos compridos e presos num caracol na parte de trás da cabeça. (*N. de T.*)

E agora aqui estava eu a beber vodca às três da tarde. Já suficientemente bêbada... a tensão no meu pescoço e ombros tinha sido aliviada pelo álcool. Talvez fosse passar aqui o dia, a ouvir o Hank Williams na *jukebox* a falar de lágrimas e cerveja, até o Sol se pôr. Depois, talvez montasse o touro mecânico com o meu vestido de noiva e desse ainda mais que falar à cidade.

Voltei a pegar na minha bebida e fiquei profundamente desiludida quando a única coisa que encontrei nos meus lábios foi gelo. Eu queria vodca. E chocolate. E *Cheetos* de queijo *cheddar* e *jalapeño*.

Assim que a porta da frente se abriu, os meus olhos fixaram-se na garrafa de vodca que estava do outro lado do bar. Vi o Gus, o irmão dele, o Wes, e o dono da garrafa de vodca, o Luke Brooks, a mexerem nela.

Eu sabia que eles andavam à minha procura, e que se queriam assegurar de que eu estava bem, mas ainda não conseguia lidar com isso. Não queria saber o que tinha acontecido na igreja, nem como os meus pais tinham reagido, nem o que as pessoas tinham dito.

Por isso, levantei-me e passei por cima do balcão, peguei na garrafa de vodca e saí do meu banco o mais rápida e silenciosamente possível. Dirigi-me para a casa de banho, mas vi que o Wes reparou em mim e, um segundo depois...

– Cam! – O Gus chamava-me, mas eu continuei a andar.

Merda.

– Então agora estás a roubar o meu bar? – perguntou o Brooks.

– Ainda assim estás belíssima! – prosseguiu o Wes.

Só me faltavam alguns passos para alcançar a casa de banho. Sim, ia conseguir lá chegar antes de eles me apanharem.

– Cam – disse o Gus novamente. – Vamos falar!

– Eu estou bem – respondi sem olhar para ele. – A Riley está bem? – perguntei, mesmo sabendo a resposta.

O Gus não teria vindo aqui antes de acomodar a Riley. Ele era um bom pai... o melhor pai.

– Sim – disse ele assim que cheguei à porta da casa de banho.

Abri-a.

– Então estamos bem! – afirmei enquanto entrava na casa de banho e fechava a porta atrás de mim, certificando-me de a trancar antes de encostar as costas à madeira velha.

Olhei para os azulejos amarelos no chão antes de me afundar nele... de garrafa na mão.

Bateram à porta.

– Cam? – Era o Gus. – Anda, vamos tirar-te daqui e conversar.

Eu não queria conversar. Eu queria beber. E comer.

– Estou bem aqui – disse-lhe através da porta.

Ouvi-o continuar a tentar convencer-me a sair, mas não me mexi. Sentei-me no chão da casa de banho do Devil's Boot, o lugar onde provavelmente metade da população de Meadowlark tinha sido concebida, e nem sequer me importei. O meu olhar estava desfocado e os meus olhos pesados.

Tentei chorar, a sério que tentei, mas não saiu nada. Eu *queria* chorar. Adorava ter conseguido *sentir algo* pelo facto de a minha vida se ter virado de pernas para o ar.

Em vez disso, estava entorpecida. Feliz e confortavelmente entorpecida. Talvez fosse algo positivo... o facto de não sentir nada. Os meus sentimentos sempre me meteram em sarilhos.

Não sei quanto tempo ali fiquei sentada, com o meu vestido de noiva amarrotado e espalhado em pequenos molhinhos à minha volta, nem quanto tempo o Gus continuou a bater à porta. Ele era persistente, mas depois de algum tempo deixou de bater.

A única coisa que conseguia ouvir era a música da *jukebox*... passava por baixo da porta e eu acolhi-a na minha fortaleza. Sentia-me bem, ao ser envolvida por ela. Não era um costume meu deixar-me envolver por coisas, música, braços, abraços, era algo raro.

Não me apercebi de que a música era a única coisa que conseguia ouvir, não havia conversas, nem clientes, nem bancos a deslizar pelo chão, até que bateram outra vez à porta da casa de banho.

Desta vez foi mais suave, como se a pessoa que o fazia não me quisesse incomodar. Três toques. Acompanhando o ritmo da música.

– Ash? – disse uma voz.

Endireitei a coluna. Reconheceria aquela voz em qualquer lado. Se tivesse entrado em coma, acordava-me. Se estivesse a dois metros de profundidade, cavava-me a mim mesma para fora da sepultura só para me aproximar dela, o que era dramático e surpreendente, trágico e estúpido.

Mas era verdade.

– Só estou eu aqui fora – disse ele. – O bar está vazio. – *Amar-te-ei até sermos pó no vento, Camille Ashwood.* – Estou aqui, Cam.

Por alguma razão, levantei-me e destranquei a porta... o clique foi inconfundível.

– Vou abrir a porta, pode ser? – disse ele, e eu recuei.

Quando a porta se abriu, os meus olhos encontraram os dele sem sequer tentar.

Dusty Tucker.

O seu cabelo louro e castanho-claro caía-lhe até um pouco depois do queixo, e o rosto só tinha ficado mais nítido e anguloso à medida que envelhecia. O anel de prata que lhe atravessava a narina direita era quase da mesma cor que os seus olhos, mas estes eram mais ardósia do que prata. Era bonito. Sempre fora, mas o que é bonito também pode ser perigoso.

O silêncio e o peso dos anos que tinham passado pairavam entre nós. Finalmente quebrei-o.

– Leva-me daqui para fora.

Foi o que eu disse. O Dusty agachou-se à minha frente para que os seus olhos cinzentos ficassem ao nível dos meus olhos castanhos e estendeu-me uma mão tatuada. Peguei nela sem pensar.

Capítulo 2



DUSTY

Normalmente, não sou do género de afogar as mágoas. Também não tenho muitas. Na verdade, é provável que só tenha uma única, por isso nunca tive grande coisa para afogar. Mas essa única mágoa é mesmo muito forte, especialmente hoje.

Porque, hoje, ela ia casar-se.

Ela convidou-me e tudo. Bem, ela convidou a minha mãe.

«Aggie Tucker e família» era o que dizia o convite. O «e família» talvez se referisse à minha irmã mais nova, a Greer, embora ela já não vivesse por aqui. De certeza que não se referia a mim, o que era provavelmente uma coisa boa.

Não pensei que fosse capaz de o fazer, sentar-me na igreja e vê-la caminhar para o seu futuro com outro homem. Na verdade, eu sabia que não o conseguiria fazer. Por isso estava aqui, no canto do bar, a beber *bourbon* e a afogar as mágoas.

Estava escuro no Devil's Boot. Não havia grandes janelas, e a maior parte da luz vinha dos letreiros de néon espalhados pelo bar. Tinha convencido o Joe, o *barman*, a dar-me a minha própria garrafa e um copo, para não ter de me levantar do meu lugar no canto. Na verdade, não precisei de ser muito convincente. Ele sabia porque é que eu estava aqui. Toda a gente sabia que eu e a Cam tínhamos história. Não havia segredos em Meadowlark.

Patético. Eu era patético. Pela forma como me sentia, pensar-se-ia que a Camille Ashwood me tinha partido o coração esta manhã, mas não, foi há mais de uma década. Bem, pela primeira vez. Ela também me